

ESPOROTRICOSE FELINA – RELATO DE CASO

PIMENTEL, Mariana Caetano¹; BOLZAN, Quélem²; SOMMER, Ciléia³; MARTINS, Danieli Brolo⁴; FISS, Letícia⁵; ROSSATO, Cristina Krauspenhar⁶.

Palavras-chave: Fungo. *Esporothrix schenckii*. Felinos.

Introdução

A esporotricose é uma micose subcutânea piogranulomatosa, causada pelo fungo dimórfico *Sporothrix schenckii*, com ampla distribuição mundial, que acomete o homem e uma grande variedade de animais. O *S. schenckii* é um fungo geofílico, que se apresenta na forma micelial, entre 25° e 30°C, considerado sapróbio de cascas de árvores e de solos ricos em matéria orgânica e vegetação, crescendo principalmente em locais quentes e úmidos. Na forma parasitária, a 37°C, passa à levedura, crescendo em lesões dermo-epidérmicas, viscerais e ósseas (LACAZ *et al.*, 1991).

A esporotricose tem potencial zoonótico, envolvendo indivíduos em contato direto com animais doentes. No homem a esporotricose pode ser considerada como dermatose peculiar a certos profissionais como jardineiros, hortifruticultores, lavradores e tratadores de animais. A maioria das infecções ocorre por ferimentos causados por espinhos, farpas de madeira ou arame (NOBRE, 2002; MARQUES, 1993).

Nos animais de companhia, a esporotricose tem sido freqüente em felinos, manifestando-se na forma cutânea localizada, cutânea linfática e cutânea disseminada. Essa doença pode se manifestar de três formas: cutânea, cutanealinfática e disseminada. Nos gatos, as lesões ocorrem mais comumente no aspecto distal dos membros, cabeça ou base da cauda. O quadro inicial pode assemelhar-se a feridas devido a brigas, abscessos, lesões de celulite ou com tratos fistulosos que não são responsivas a antibioticoterapia. Essas podem evoluir para lesões ulceradas, crostosas e com exsudatos purulentos. Nos casos mais graves, pode ocorrer a disseminação do fungo (pulmões, fígado, trato gastrointestinal, sistema nervoso central, olhos, baço, ossos, articulações, rins, testículos,

¹ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária e estagiária no Laboratório de Patologia Animal, UNICRUZ, RS. pimentel_mcp@yahoo.com.br

² Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária UNICRUZ. quelem_bo@yahoo.com.br

³ Acadêmica Patologista do Curso de Medicina Veterinária, UNICRUZ, RS ci.sommer@hotmail.com

⁴ Professora e Patologista do Curso de Medicina Veterinária e estagiária no Laboratório de Patologia Animal, UNICRUZ, RS. vetdanielmartins@yahoo.com.br

⁵ Professora e Patologista do Curso de Medicina Veterinária UNICRUZ. tici_fiss@hotmail.com

⁶ Professora e Patologista Curso de Medicina Veterinária, UNICRUZ, RS ckrauspenhar@yahoo.com.br

mama e linfonodos), levando à letargia, prostração, anorexia e hipertermia (NOBRE, 2002; MARQUES, 1993; LARSSON, 2000).

A maior incidência da esporotricose em gatos é em machos inteiros e de livre acesso à rua devido ao hábito de brigar com outros gatos inoculando o fungo, porém a contaminação também ocorrer por ferida contaminada. Gatos acometidos e são possuem nas unhas e cavidade bucal um grande número de organismos fúngicos e também *S. shenckii*. Na maioria dos casos os felinos infectam, através da arranhadura, mordedura ou contato com solução de continuidade outros animais ou o próprio homem e morrem naturalmente ou sofrem eutanásia, devido à dificuldade no diagnóstico precoce da micose, a qual apresenta lesões similares a piodermatites, criptococose e carcinoma epidermóide (LARSSON, 2000).

A necessidade de um tratamento antifúngico regular e prolongado e a dificuldade na administração de medicamentos por via oral aos gatos domésticos, são fatores que podem contribuir para o baixo percentual de cura clínica da esporotricose felina (SCHUBACH, 2004). Segundo Corgozinho (2006), o tratamento de escolha para esporotricose é o itraconazol na dose de 10 mg/kg, por via oral a cada 24 horas, sendo o mais tolerado pelos gatos e deve ser continuado por um período de 30 dias após a remissão clínica, tendo um prognóstico favorável se o animal não apresentar envolvimento sistêmico.

Este trabalho tem como objetivo descrever as características clínicas e anatomopatológicas de um caso de esporotricose felina.

Metodologia

Um felino, fêmea, sem raça definida, 10 anos de idade, chegou ao Hospital Veterinário da Universidade de Cruz Alta para atendimento clínico. O animal apresentava lesão ulcerativa na face (Figura 1) há cerca de 60 dias e mucosas pálidas. Foi realizado exame citológico devido a suspeita clínica ser esporotricose. O animal foi eutanasiado no Hospital Veterinário da Universidade de Cruz Alta. O felino foi necropsiado no Laboratório de Patologia Animal da mesma instituição. Fragmentos de vários órgãos foram coletados e fixados em formalina neutra a 10% e processados de acordo com as técnicas histológicas de rotina e corados pela hematoxilina-eosina.



Figura 1 – Felino com lesão ulcerativa na face.

Resultados e Discussões

O exame citológico evidenciou estruturas fúngicas compatíveis com o *S. schenckii* (Figura 2). Assim, iniciou-se tratamento antifúngico. Porém, com o passar dos dias houve piora do quadro clínico e se optou pela eutanásia.

Durante a necropsia do animal foi observado aumento de volume acentuadamente ulcerativa na cavidade nasal, observou-se também múltiplas áreas brancas. Nos demais órgãos não foram observadas alterações. Foram coletados fragmentos de fígado e fragmentos de tecido subcutâneo da cavidade nasal para análise histopatológica.

As lesões do felino, atingindo cabeça, caracterizam a forma cutânea disseminada da esporotricose, freqüentemente descrita em felinos (lesões na cabeça e membros), assim como a forma cutânea localizada em humanos (MEINERZ *et.al.*, 2007). A esporotricose do gato doméstico apresenta algumas características que as distinguem da expressa em outras espécies, a mais importante é a exuberância de células fúngicas nas lesões cutâneas. Esta superpopulação de fungos potencializa a capacidade infectante das lesões, quer ao homem, quer a outros animais. Outro aspecto importante a ser ressaltado é a tendência à disseminação sistêmica, como comprometimento principalmente dos pulmões, fígado, baço, ossos e linfonodos, sendo fator determinantes dos óbitos (MARQUES, 1993).

De acordo com Schubach & Schubach (2000), o resultado histopatológico revela a presença de dermatite piogranulomatosa, profunda, com infiltrado celular constituído por células mononucleares, e presença de estruturas PAS positivas, compatíveis com *Sporothrix schenckii*. No resultado histopatológico, no tecido subcutâneo foi observado dermatite granulomatosa associada a formas compatíveis com *S. Schenckii*. No fígado foi observado necrose hepatocelular acentuada multifocal.

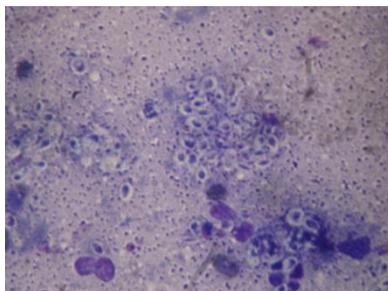


Figura 2 – Presença de leveduras de *S. Schenkii*.

Conclusão

Os achados de clínicos, laboratoriais e histopatológicos do caso relatado foram fundamentais para o estabelecimento do diagnóstico definitivo esporotricose.

Referências

- CORGOZINHO, K.B., et. al. **Um caso atípico de esporotricose felina.** *Acta Scientiae Veterinariae*. 34: 167-170, 2006.
- LACAZ, C.S., et. al. **Esporotricose e outras micoses gomosas.** In: SARVIER, **Micologia médica.** São Paulo : Sarvier, 1991. p.233-247.
- LARSSON, C.E. Esporotricose. In: Simpósio Brasileiro sobre micoses animais, Porto Alegre. **Resumos.** Porto Alegre : UFRGS, 2000. p.66-71, 2000.
- MARQUES, S.A., et. al. Esporotricose do gato doméstico (*Felis catus*): Transmissão humana. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo.** 35: 327-330, 1993.
- MEINERZ, A. R. M. et. al. **Nota Científica: Esporotricose felina – relato de casos.** *Ciência Animal Brasileira*, v. 8, n. 3, p. 575-577, jul./set. 2007.
- NOBRE, M.O., et. al. Esporotricose zoonótica na região sul do Rio Grande do Sul (Brasil) e revisão da literatura brasileira. **Revista Brasileira de Ciência Veterinária.** 9: 36-41, 2002.
- SCHUBACH, T.M. **Estudo clínico, laboratorial e epidemiológico da esporotricose felina na região metropolitana do Rio de Janeiro.** 66p. Rio de Janeiro, RJ. Tese (Doutorado em Biologia Parasitária). Curso de Pós-graduação em Biologia Parasitária, Instituto Oswaldo Cruz, 2004.
- SCHUBACH, T. M. P; SCHUBACH, A. O. Esporotricose em gatos e cães – revisão. **Clínica veterinária**, São Paulo, v. 5, n. 29, p. 21-24, 2000.